

As infâncias em um bairro em processo de urbanização: o ponto de vista das crianças, por Zuleica Pretto

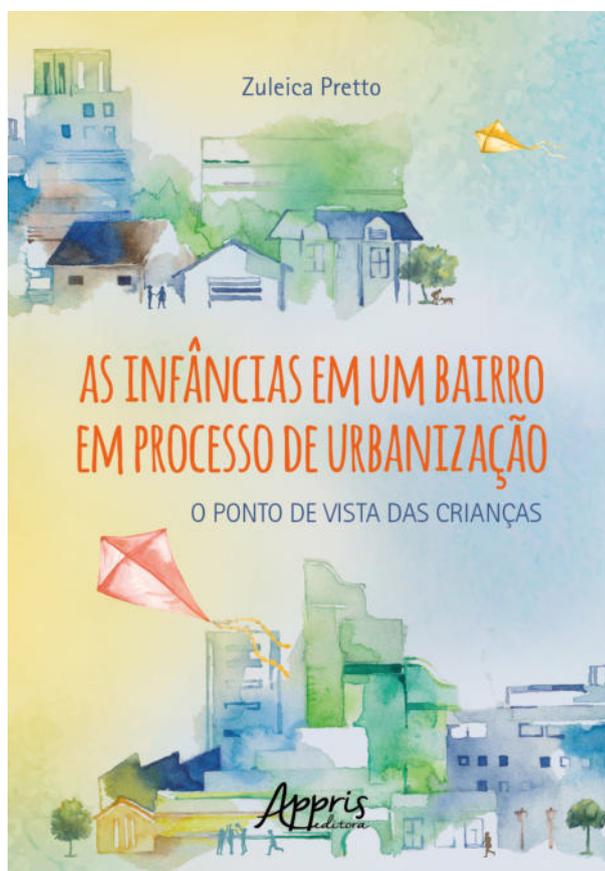
RESENHA/RESEÑA POR

Simone Vieira de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pedagogia,
Departamento de Metodologia de Ensino, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7089-0465>

Infâncias situadas: o que as crianças têm a dizer sobre as transformações no seu bairro?



O livro *As infâncias em um bairro em processo de urbanização: o ponto de vista das crianças*, de Zuleica Pretto, é resultado da sua pesquisa de doutorado e apresenta, de forma sensível, o seu encontro com as crianças que viviam em um bairro em processo de urbanização, localizado em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. No tracejo de um caminho construído com essas crianças, a autora escolheu, de forma metodológica, ética, política e estética, “olhar para baixo”, para as miudezas daquele cotidiano. O que a autora buscava? Compreender a infância a partir das narrativas das próprias crianças, privilegiando o encontro e a conversa com elas e não sobre elas. Sua intencionalidade e trilha construída vão ao encontro das ideias de Skliar (2014, p. 138) sobre os gestos da infância: “Devemos à infância os gestos que, algumas vezes, dela roubamos”. Por meio de uma travessia cuidadosa e de profundo respeito com as crianças, seus sujeitos e interlocutores, Zuleica Pretto caminha ziguezagueando, escolhendo outras vias, pausas e junto delas, afirmando pertencimentos, olhares, sentidos e criações.

De volta à pesquisa, o que a autora encontrou? Um bando de meninas e meninos, entre 8 e 11 anos, de camadas populares, estudantes de uma escola pública, a maioria proveniente de famílias “nativas” do bairro. Nesse encontro é possível ouvir, de forma emocionada, os olhares, sentires, pulsares, medos, gostos, desgostos, desalojamentos... enfim, os sentidos agigantados de quem vive e produz cultura dentro de um território que nem sempre consegue ser gentil com suas filhas e filhos; e nesse mesmo giro de sentidos produzidos, as crianças vão escrevendo suas críticas às transformações advindas pela urbanização e o fascínio por ela.

A obra aqui resenhada é constituída de uma primeira seção introdutória que esclarece o leitor sobre o que caracteriza uma pesquisa situada e etnográfica e discorre sobre a escolha e o caminho metodológico utilizados para encontrar as crianças, em busca das infâncias situadas. Na segunda seção, denominada *Sobre a cidade, o bairro e a escola das crianças*, são apresentadas algumas especificidades da cidade de Florianópolis, do bairro Campeche e da escola de ensino básico Januária Teixeira da Rocha, escola “Januária”, como era chamada pelas pessoas do bairro. Na sequência, Zuleica Pretto organiza sua obra em duas partes: a primeira intitulada *Ser criança na escola* e a segunda *O cotidiano do bairro compartilhado com um grupo de meninas*, que será descrita de forma mais detalhada, na continuidade. E, por fim, a autora traz sínteses reflexivas sobre o encontro com as crianças e a compreensão das infâncias atravessadas pela transformação do lugar, a partir de perspectivas das próprias crianças.

Em *Ser criança na escola*, a autora apresenta detidamente suas considerações encharcadas pela experiência de quem, de dentro de uma escola pequena e com as crianças, caminha com seus caminhantes pelos corredores, salas de aula, recreio, pausas, portão etc. Durante o tempo em que os espaços são percorridos, uma etnografia vai se construindo e revelando suas bonitezas. São cenas que objetivam um vínculo de confiança, por meio de trocas intersubjetivas, diálogos, brincadeiras, movimentos corporais, jogos e que traduzem os modos como as crianças/estudantes ocupam o seu lugar na escola. Nessa direção, tensões, práticas homogeneizadoras e disciplinares, bem como alguns paradoxos da escola são explicitados. Além disso, algumas brechas pedem passagem e dão lugar a outras experiências e espaços de sociabilidade na escola, produzem falas coletivas e são pronunciadas em voz alta pelas crianças. Há produção de resistência! E uma resistência socializada.

Na segunda parte, intitulada *O cotidiano do bairro compartilhado com um grupo de meninas*, a pesquisadora nos leva para passeios outros, agora acompanhada numa relação mais estreita e somente com as meninas do bairro. Na sua maioria, as meninas, como já foi expresso, são filhas de famílias nativas do bairro Campeche. A pé, de carro ou de ônibus, o local é apresentado pelas perspectivas e andanças dessas meninas com Zuleica Pretto. E, assim, de mãos dadas com elas – com as crianças e com a autora –, vamos nos embrenhando com essas infâncias situadas, suas convivências, itinerários e espaços de sociabilidade peculiares. Daí brotam escritos sobre viver um lugar, configurações familiares, relações geracionais, trabalho, gênero, cultura local e urbanização, processos de inclusão e exclusão, as brincadeiras no espaço das casas e seus arredores: vizinhança, os quintais, os animais, as plantas, as ruas. Em síntese, letras, palavras e parágrafos são tecidos com as crianças e suas experiências no bairro, e expressam as transformações dos espaços e afetações que estas vivências produzem nas infâncias das meninas do Campeche.

Como perspectiva teórico-metodológica, trata-se de uma pesquisa interdisciplinar e segue orientações dos métodos etnográfico e fenomenológico-dialético sartriano. Compreende as crianças como sujeitos que se apropriam ativamente do que vivenciam, produzem cultura e, portanto, são fontes legítimas de pesquisa. Está ancorada em Jean-Paul Sartre e outros autores que também compreendem que a criança participa de forma ativa do seu processo de constituição e da construção da história coletiva. Por pouco mais de um ano, tempo considerável

de imersão, Zuleica Pretto conviveu com as crianças nos mais diferentes espaços do bairro, utilizando-se de uma multiplicidade de técnicas de pesquisa. A escola, suas moradias, biblioteca, ruas, praias, morros, natureza e ainda alguns estabelecimentos urbanos apontados por elas como significativos foram se amalgamando num conjunto de experiências de um cotidiano simples, que desvelava a sua complexidade. Desses lugares e vividos, foi se delineando um desenho que informa dimensões possíveis de serem contatadas, experienciadas, estudadas, que expressam percursos analíticos diversos sobre as sociabilidades, a cidade e a participação das crianças.

Dos “achados” e dos encontros que esta etnografia revelou no curso dos itinerários, a autora, por meio de um diálogo cuidadoso com as crianças e meninas do Campeche, vai nos dizendo sobre como as crianças percebem o bairro em acelerado processo de urbanização. Como viver ali naquelas condições afetava a forma como circulavam, interrogando-as sobre modificações em sua escola, mudanças nas práticas familiares, na cultura local e nas paisagens naturais, e o surgimento de outras possibilidades de lazer. Nas experiências conhecidas e habituais, e o novo que era ofertado, as narrativas das crianças oscilavam entre críticas e fascínio por essas transformações. Ao privilegiar o olhar e a voz das crianças, a estudiosa nos apresentou pistas para se compreender não apenas o que dizem e olham as crianças, moradoras do Campeche, e os processos de subjetivação/objetivação que as constituem, mas possibilitou, também, a reflexão sobre algumas questões desse tempo e contexto histórico, e que adultos compartilham, ao habitarem o mesmo bairro e cidade. Fica em evidência a necessidade de ouvir as crianças “[...] a importância de ouvi-las em grupo e de observar a riqueza das trocas ali efetivadas. Quando com seus pares, as crianças não apenas brincam, mas aprendem a refletir, emitir opiniões, ouvir e construir sentidos coletivos sobre o que vivenciam” (PRETTO, 2021, p. 271), uma vez que são produtoras de cultura e da história social.

Ouvir as crianças na escola, caminhar com elas pela biblioteca, lanchonete da Marcinha, moradias, quintais, acessos, ruas, transporte coletivo, criou uma possibilidade de comunicação ímpar, mais que isso, trouxe uma disposição para estar com o Outro. Nesse encontro e espaço de interações cognitivas, sociais e afetivas, uma cumplicidade foi tecida, diferenciações e afinidades se revelaram e foram respeitadas. Aproximações e afastamentos comunicaram a dialética do estar junto e com as crianças do Campeche, num tempo histórico datado, vivendo as marcas do humano e do acelerado processo de urbanização do bairro. A leitura desta obra traz a história dessas crianças no seu tempo e território, mas pode mobilizar, também, as histórias das infâncias que constituem a biografia de cada leitor que se aventurar por esse caminho.

Os leitores poderão encontrar, mais além de um convívio intenso, sensível e a aproximação de um bando de crianças e uma “[...] pesquisadora, psicóloga, mãe, moradora do Campeche, migrante de uma cidade do interior do estado [...]” (PRETTO, 2021, p. 267-268), uma inspiração importante para se pensar pesquisas que buscam construir novos possíveis com as crianças, de privilegiar o que falam, como falam e produzem sentidos, o que implica uma alteração nas trocas intergeracionais, uma vez que vivenciam suas infâncias dentro de um território que participam ativamente. Ao se interrogar sobre “o que dizer demoradamente, rapidamente, e o que não dizer”, a autora traz para perto de mim uma reflexão: “[...] a pessoa a quem falo é a primeira que preciso longamente ouvir” (GONÇALVES FILHO, 2021, p. 141). Ouso afirmar que para isso acontecer, é absolutamente necessário ao escolher ouvir crianças, exercer uma ética, uma política e uma estética do cuidado, da proteção e da afirmação da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES FILHO, J. Medicalização e humilhação social. In: OLIVEIRA, E. C. de; VIÉGAS, L. de S.; MESSEDER NETO, H. da S. **Desver o mundo, perturbar os sentidos**: caminhos na luta pela desmedicalização. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 137-160.

PRETTO, Z. **As infâncias em um bairro em processo de urbanização: o ponto de vista das crianças**. Curitiba: APPRIS, 2021.

SKLIAR, C. **O ensinar enquanto travessia**: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação. Salvador: EDUFBA, 2014.

Palavras-chave: infâncias, etnografia com crianças, bairro, urbanização.

DATA DE RECEBIMENTO: 15/06/2022

DATA DE APROVAÇÃO: 10/07/2022

Simone Vieira de Souza

Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil. Graduada em Psicologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Brasil. Professora Adjunta da UFSC. Membro do Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional (LAPEE).

E-mail: simone.souza@ufsc.br